



CHAPA 2501, CHAPA 2502, CHAPA 2503, CHAPA 2504, CHAPA 2505, CHAPA 2506, CHAPA 2507, CHAPA 2508, CHAPA 2509, CHAPA 2510, CHAPA 2511, CHAPA 2512, CHAPA 2513, CHAPA 2514, CHAPA 2515, CHAPA 2516, CHAPA 2517 E CHAPA 2518, 2024-25. ESMALTE SOBRE CHAPA METÁLICA, 90 x 90 CM CADA

18 chapas

EMMANUEL NASSAR

18 chapas

EMMANUEL NASSAR



Emmanuel Nassar (Capanema, Pará, 1949) é um dos nomes centrais da arte contemporânea brasileira. Superou os limites regionalistas que ainda marcam a produção amazônica, conquistando reconhecimento nacional e internacional. Formado em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará em 1975, trabalhou em agências de publicidade, experiência que o aproximou das imagens da cultura de massa — referência persistente em sua obra. Sua produção abrange pintura, escultura e instalação, articulando materiais não convencionais, como chapas metálicas, peneiras, serras, pedaços de madeira e bocais de lâmpadas. Obras suas integram coleções do MASP, Pinacoteca de São Paulo, Museu de Arte do Rio, MAC USP e MAM-SP. Participou da Bienal de Veneza (1993) e de duas edições da Bienal de São Paulo (1989, 1998), além de mais de uma centena de mostras desde 1979. Vive e trabalha em Belém e, na ocasião da COP30, lança seu novo livro monográfico.

O Instituto TeArt e a ALLOS unem forças em uma parceria que presta homenagem ao estado do Pará e à cidade de Belém para celebrar a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas — COP30, a primeira a ser realizada na Amazônia.

Como parte desta celebração, o artista paraense Emmanuel Nassar apresenta a instalação *18 chapas*, concebida especialmente para o Boulevard Shopping Belém da ALLOS. A partir do processo de concepção de *18 chapas*, um material educativo foi elaborado para ser disponibilizado ao público visitante e para escolas, ampliando o alcance do projeto.

A parceria entre o Instituto TeArt e a ALLOS inclui ainda o lançamento de um livro editado em colaboração com a COSAC, dedicado à trajetória de Nassar, artista cuja pesquisa se estende por mais de quatro décadas, transpondo fronteiras regionais e consolidando uma poética singular no contexto da arte brasileira e mundial.

Durante o mês de novembro, o Boulevard Shopping Belém recebe uma programação especial, que inclui sessão de autógrafos com Emmanuel Nassar e rodas de conversa voltadas ao diálogo e às possibilidades entre arte e meio ambiente, ampliando o sentido de presença da arte no espaço urbano e seu papel na sensibilização para questões contemporâneas, como a crise climática.

Para o lançamento de seu livro homônimo, Emmanuel Nassar apresenta a instalação *18 chapas* (2024–2025). Nesse trabalho de grandes dimensões, concebido especialmente para a ocasião, Nassar dispõe um conjunto de dezoito peças, cada uma medindo 90 × 90 centímetros. Embora cada uma possa ser compreendida como obra autônoma, semelhante a uma tela, juntas formam uma grande instalação que satiriza a noção modular do *grid*, tão central ao pensamento cartesiano e à arte moderna. Placas de sucata com símbolos reconhecíveis são, assim, elevadas ao patamar artístico por meio de operações intelectuais, de diálogos com referências da história da arte e da valorização estética encontrada no cotidiano, no que é usualmente rejeitado.

Emmanuel Nassar celebra sua longa trajetória com o lançamento de novo livro monográfico no contexto da COP30, Conferência das Nações Unidas dedicada à discussão de ações contra as mudanças climáticas, sediada pela primeira vez na capital da Amazônia brasileira, Belém do Pará. O projeto, apoiado pela ALLOS e publicado pelo Instituto TeArt em parceria com a COSAC, constitui a mais extensa publicação já dedicada ao artista. Organizada pelo curador e pesquisador paraense Mateus Nunes, que também assina um dos textos, a obra reúne, em 400 páginas, contribuições de Raphael Fonseca, Pollyana Quintella, Ligia Canongia e Thierry Freitas. O resultado é um material robusto que, ao mesmo tempo em que apresenta ao grande público o trabalho de Nassar em edição ricamente ilustrada, oferece aos pesquisadores ensaios com rigorosa pesquisa histórica e crítica sobre sua produção.

Um ponto-chave na prática de Nassar é a reutilização de materiais considerados descartáveis, como chapas metálicas coletadas em ferros-velhos, sobre as quais, por vezes, o artista realiza sutis intervenções pictóricas. Esse gesto convida a perceber de que maneira materiais podem ganhar nova vida, ser reabastecidos de significados e observados a partir de perspectivas críticas, estéticas, sociopolíticas e ambientais renovadas.

“Sideral” pode referir-se tanto ao espaço astronômico quanto à indústria do ferro. No primeiro sentido, vem do latim *siderilis* (“astro, constelação”); no segundo, do grego *síderos* (“ferro”). A semelhança entre os radicais, de origens distintas, decorre do vocabulário científico dos séculos XVII e XIX, quando se designavam meteoritos de ferro “vindos das estrelas”. Esses dois campos — o cósmico e o metalúrgico — atravessam a prática de Nassar. Seus anéis planetários em esmalte sobre chapas metálicas condensam a conjunção entre constelação e indústria, mito e ruína. As estrelas evocam pertencimento — da bandeira do Brasil à do Pará —, enquanto o ferro corroído denuncia o colapso de um ciclo extrativista. Em Nassar, convivem a opulência mineral e a penúria da sucata — sideral dos dois lados.

— Mateus Nunes

REALIZAÇÃO
INSTITUTO TEART
ARTISTA
EMMANUEL NASSAR
TEXTOS
MATEUS NUNES
PROJETO GRÁFICO
RAUL LOUREIRO
CENOTECNIA
ARCOS EXPOSIÇÕES
COORDENAÇÃO GERAL
RITA WIRTTI
BEATRIZ GOMES (Ass.)
PRODUÇÃO
PÂMELA CARNEIRO
COMUNICAÇÃO
HENRICO COBIANCHI
ASSESSORIA DE IMPRENSA
TABULA COMUNICAÇÃO/
THAIS GOUVEIA E BEATRIZ FERRO
PALESTRANTES
IZABELLA GOMES
VÂNIA LEAL
FOTOGRAFIA E VÍDEO
GUSTAVO GODINHO



@institutoteart
@emmanuelnassar
@somosallos
@boulevardbelem
@cosacedicoes